

## **A Importância da Comunicação Antirracista<sup>1</sup>**

Valmir Teixeira de ARAUJO<sup>2</sup>  
Larissa Hellen Lins de Oliveira<sup>3</sup>  
Universidade de Brasília, Brasília, DF

### **RESUMO**

Discutir a importância da construção de uma comunicação antirracista, frente as diversas limitações do debate racial nos meios de comunicação, por meio de estudos afrocentradas. Destacar a papel da comunicação antirracista, a partir do jornalismo e a assessoria de imprensa no debate público. Trata-se de uma pesquisa com base bibliográfica que permite apresentar contribuições para se discutir a importância da comunicação antirracista como um avanço no combate ao racismo a partir de uma compreensão teórica afrodiásporo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Comunicação Antirracista; Racismo, Jornalismo

### **INTRODUÇÃO**

O Brasil foi o último país do continente americano a pôr fim a escravidão do povo negro, somando mais de 300 anos de um sistema opressor, sustentado no racismo e respaldado por um Estado. Após a abolição da escravidão, em 1888, esse mesmo Estado passou a negligenciar as condições de vida dos ex-escravizados e seus descendentes e a incentivar uma política voltada para a emigração de corpos brancos para ocupar - como assalariados - os postos de trabalhos em que outrora estavam os negros. Esse panorama geral já nos leva a pensar na importância de ações antirracistas para minimizar o abismo social-financeiro entre brancos e negros num país em que a maioria da população é descendente dos povos escravizados.

Nesse sentido, a comunicação antirracista acaba por ter uma dimensão especial, pois é preciso reconhecer o papel histórico dos meios de comunicação para a situação atual de tantas desigualdades. Importar reconhecer que o jornalismo teve e ainda tem um papel primordial nessa estrutura de desigualdades e por isso é importante pensar nas

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Comunicação Antirracista e Pensamento Negro, evento integrante da programação do 24º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, realizado de 5 a 7 de junho de 2024.

<sup>2</sup> Professor do Curso de Jornalismo da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília FAC-UNB, email:valmircomunica@gmail.com.

<sup>3</sup> Estudante de graduação do curso de Jornalismo da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília FAC-UNB, larislins24@gmail.com.

dimensões da comunicação antirracistas nas redações dos jornais tradicionais, na imprensa negra e nas assessorias de imprensa, que por sua vez produzem ou pautam a produção de parte significativa das publicações jornalistas na atualidade.

É importante destacar a consolidação da assessoria de imprensa como atividade jornalística, no caso brasileiro, conforme aponta Chaparro (2003), que diferente de outros países o Brasil consolidou as experiências únicas de assessoria a partir de práticas jornalísticas.

Assim, o presente trabalho foi desenvolvido a partir de uma pesquisa bibliográfica para apresentar brevemente a questão do negro nos meios de comunicação. Em seguida apresentamos aspectos gerais sobre comunicação antirracista e por fim considerações sobre a importância da experiência antirracista para as assessorias de imprensa, tendo como objetivo futuro fundamentar a proposição de manual com diretrizes de comunicação antirracista para assessorias de comunicação de instituições públicas.

## **O NEGRO NOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO**

As questões vivenciadas pelo cidadão negro na atualidade podem estar presentes no noticiário dos telejornais ou nas matérias publicadas pelos jornais impressos, revistas ou sites jornalísticos, contudo, o relato desses fatos não garante que estas questões sejam devidamente discutidas pelos órgãos da imprensa e muito menos contribuam com um aprofundamento da temática na sociedade, pois muitas vezes são tratados como fatos isolados, estereotipados e sem que necessariamente esteja presente a ótica racial negra, seja pela ausência de personagens ou especialistas negros nas narrativas. Para melhor refletir sobre o assunto importa observar no noticiário referente à cultura de outros imigrantes brasileiros, como portugueses, italianos, alemães e japoneses.

Em conformidade com Marques de Melo (2006), a imprensa brasileira possui forte ligação com o modelo de imprensa estadunidense e, por esta razão, é possível inferir sobre a tendência pela cobertura majoritariamente factual, a partir de fatos isolados, que não seria uma especificidade da cobertura sobre questões vivenciadas pelo cidadão negro. Já a ausência da ótica racial pode ser vista como uma ‘herança’ da democracia racial, pois a partir da perspectiva dessa ideologia, o Brasil é um país mestiço em que não é necessário ressaltar especificidades raciais no noticiário cotidiano.

É possível refletir que o sentido de democracia racial teria grande influência no fazer jornalismo da atualidade. Entende-se que esta poderia ser a justificativa para que as páginas policiais dos jornais noticiem, diariamente, sobre o assassinato de jovens na periferia, sem necessariamente fazerem menção à cor da pele ou à identificação racial.

A identificação racial está comumente presente nos boletins de ocorrência da polícia, que são utilizados como fontes para boa parte das matérias, ou seja, é uma decisão jornalística não divulgar essa informação. A violência contra a população negra no Brasil é uma realidade cruel, que pode ser compreendida como fruto de diversos processos como os séculos de escravidão, a discriminação, a falta de oportunidades (educação e empregos) e a ideologia da democracia racial contribuiu para a ausência de uma discussão sobre os problemas raciais nos veículos de comunicação tradicionais e na sociedade como um todo. A imprensa, por sua vez, tem um papel de destaque em todo esse processo, uma vez que é responsável pela divulgação dos fatos e, desta forma, colabora com as discussões geradas na sociedade e a naturalização da problemática negra (ARAÚJO, 2021). Por essa razão, a negritude, seja por meio dos órgãos dos movimentos sociais ou de ações individuais, buscou a criação de canais de comunicação comprometidos com a temática negra e com a comunicação antirracista.

## **COMUNICAÇÃO ANTIRRACISTA**

A discussão sobre comunicação antirracista precisa ser precedida de uma abordagem sobre racismo a partir de uma reflexão histórica, até porque a compreensão de raça que defendemos é social, mas que construída e fortemente disseminada a partir de uma ideologia de racismo biológico, eugenismo e necropolítica. Para Sodré (2023, p. 236) “o que existe mesmo é a "relação racial", quer dizer a relação social atravessada pelo imaginário de raça, ancorado em diferenças de gradação de cor de pele”.

No entanto, foi criada no Brasil uma ideologia racial para sustentar que o processo de escravização dos africanos, a exploração e as nossas relações raciais eram menos danosas - a democracia racial. Conceito, desde sempre rechaçado pelos movimentos negros e imprensa negra (MOURA, 2014), por outro lado a ideologia da democracia racial foi fortemente difundido pelos meios de comunicação brasileiros. O preconceito racial no Brasil está relacionado aos estereótipos sobre os indivíduos e o seu grupo. Já a discriminação racial pode ser a diferenciação de tratamento que os participantes de

determinados grupos sofrem, podendo ser de forma direta, como em uma ofensa baseada na condição racial ou indireta, que está ligada a regras impostas e assim muitas vezes essas ações são tidas como não intencionais ou subjetivas.

No processo de inércia do Estado frente a uma realidade caótica de um grupo específico – negro – está associado ao conceito de necropolítica, que seria uma forma contemporânea de subjugar a vida ao poder da morte. Esse conceito defendido por Mbembe (2018) descreve a situação do negro na colonização escravagista de países como Brasil e Estados Unidos, bem como no apartheid sul-africano ou ainda nos contextos de guerras, homicídios e até suicídios de indivíduos negros na atualidade. Conforme Mbembe (2018), a partir da necropolítica o Estado tem o poder e a capacidade de ditar quem pode viver e quem deve morrer” (2018, p. 5). A partir desse conceito de necropolítica podemos pensar na relação dos homens e mulheres negras frente à realidade brasileira forjada por uma compressão racista de inferioridade dos descendentes africanos e ao mesmo tempo uma negação às práticas racistas, por meio da ideologia da democracia racial. Assim, a luta antirracista é uma necessidade da sociedade brasileira e não o contrário para o mínimo avanço civilizatório dela.

É importante pensar nesse papel histórico do Estados (primeiro português e depois brasileiro) agindo contra os povos negros, no papel da mídia hegemônica na defesa do racismo biológico e depois na falácia da democracia racial a consequência é a formação de uma opinião pública no Brasil sobre os impactos da escravidão, do racismo e da necropolítica exigiu a estruturação de uma luta antirracista e por consequência de pensar em uma comunicação antirracista, de forma ampla que colabore inclusive com a mobilização do povo negro e do não-negros sobre a sua responsabilidade no processo. Diversos autores, sobretudo do pensamento afrodiásporo chamam atenção para a o papel da Comunicação na luta antirracista, como Kendi (2020), que examina a comunicação como parte fundamental da luta antirracista e da construção de uma sociedade mais equitativa, a partir do reconhecimento, da responsabilidade e da construção de coalizões.

É importante compreender a comunicação antirracista precisa como uma abordagem de linguagem e as interações são utilizadas para desafiar e combater o racismo e promover a igualdade racial. Podendo estar presente na comunicação institucional e comercial para alcançar a opinião pública. Em um país marcado pelo racismo e suas mazelas, a partir de um forte papel do Estado para institucionalizado, este mesmo Estado

e a sociedade – como um todo e não apenas as pessoas negras – têm um papel preponderante na promoção de uma comunicação antirracista.

## **IMPORTÂNCIA DA COMUNICAÇÃO ANTIRRACISTA**

A partir das leituras dos estudos afrocentrados é possível pensar num novo momento de comunicação com mudanças em sua estrutura, com o objetivo de se aproximar dos cidadãos e cidadãs e atender as demandas dessas pessoas. A eficiência do serviço público se atrelou à democracia na pressuposição de que “o Estado é tão mais eficiente quanto mais democrática for a sua administração” (NOVELLI, 2006. p 81).

Neste contexto, foram criados em 2003, no início da primeira gestão do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, a Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR) e o Conselho Nacional de Promoção da Igualdade Racial (CNPIR) com o objetivo de inserir pessoas negras, em locais de articulação política e tomada de decisão. Em 2023 o presidente Lula criticou o Ministério da Igualdade Racial.

No entanto, apesar dos avanços nas políticas de inclusão e participação social para a população negra, a dinâmica das relações sociais e raciais no Brasil ainda afastam e excluem pessoas negras destes espaços, levando em conta que o racismo domina a estrutura e as instituições. Para além de representatividade, a participação de pessoas negras na criação de produtos comunicacionais é essencial para apresentar uma variedade única de experiências, histórias e perspectivas a partir de uma visão de mundo baseada em vivências negras, principalmente em um país onde a negritude representa a maioria da população.

Uma comunicação que favorece a diversidade e o pluralismo também é eficaz para desfazer estereótipos racistas e na promoção de uma imagem mais realista desta comunidade. Profissionais negros tem um entendimento maior sobre as demandas e particularidades da comunidade e, por isso, ainda agregam mais credibilidade na retratação desses temas.

Nesse sentido, a comunicação antirracista frente da busca por uma comunicação mais democrática e participativa, comprometida com a desconstrução de estereótipos relacionados à comunidade negra, pautada e expressa as demandas desse grupo, mesmo quando o assunto não se relaciona com temáticas raciais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Importa considerar que a comunicação antirracista contribui para a preservação e para a construção da memória negra, compreendendo que a memória é fundamental para a identidade cultural e histórica dessa população. Esse tipo de comunicação precisa ganhar espaços, como na imprensa negra - que vem passando por um processo de fortalecimento - mas também no jornalismo como um todo e nas assessorias de imprensa, tendo em vista seu papel na construção de conteúdos que ajudam a pautar a mídia ou são simplesmente reproduzidos a partir do processo de precarização das redações. Assim, a criação de um manual de comunicação antirracista que transcenda as redações jornalísticas e possa alcançar agentes da comunicação pública e institucional pode auxiliar no fortalecimento da comunicação antirracista.

## REFERÊNCIAS

- ARAUJO, V. T. **O que é a Imprensa Negra?** Diálogos sobre comunicação e negritude no Brasil. Florianópolis: Editora Insular, 2021.
- KENDI, I. X. (2020). **Como ser antirracista**. Rio de Janeiro, Ed. Alta Books, E-book.
- MBEMBE, A. **Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte**. Tradução Renata Santini. São Paulo: N-1 edições, 2018.
- MARQUES DE MELO, J. **Teorias do jornalismo: Identidades Brasileiras**. São Paulo: Editorial: Paulus, 2006.
- MOURA, C. **Dialética radical do Brasil negro**. 2ª Ed. Anita: São Paulo, 2014.
- NOVELLI, A. L. C. R. O papel institucional da Comunicação Pública para o sucesso da governança. Organicom, 2006.
- SODRÉ, M. **O fascismo da cor: Uma radiografia do racismo nacional**. Petrópolis, Editora Vozes, 2023.